

MÉTODOS DE ERGODESIGN PARTICIPATIVO COM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS PARA PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

PARTICIPATORY ERGODESIGN'S METHODS WITH TRANSGENDERS USERS FOR SYMBOLIC REPRESENTATIONS PRODUCTION

Rafael Ricarte de Souza, *UFMA*¹

Ana Lúcia A. de Oliveira Zandomeneghi, *UFMA*²

RESUMO: Este artigo articula métodos que ajudam a formatar um processo participativo entre usuários transgêneros e designer. É um estudo de caso que inicia no Hospital Universitário Materno Infantil, diante do problema de inadequação entre álbum seriado para planejamento familiar e grupo terapêutico do ambulatório de sexualidade com pessoas transgêneras que utilizam esse material para promoção da saúde, educação e autocuidado. Este estudo é uma pesquisa exploratória com revisão bibliográfica assistemática, que identifica métodos participativos do ergodesign no intuito de produzir representações simbólicas de usuários transgêneros. Como resultados apresenta um conjunto de representações a partir do uso e tensionamento dos métodos identificados na revisão de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ergodesign, Ergodesign participativo, Usuários transgêneros, Métodos participativos.

ABSTRACT: *This article investigates methods that help to shape a participatory process between transgender users and designers. It is a case study that takes place at Hospital Universitário Materno Infantil, due to the problem of inadequacy between serial album for family planning and therapeutic group of the sexuality outpatient clinic with transgender people who use this material to promote health and education. This study is an exploratory research with unsystematic bibliographic review, which identifies participatory methods of ergodesign in order to produce symbolic representations of transgender users.*

¹ Universidade Federal do Maranhão – email: Rafael_ricart@me.com

² Universidade Federal do Maranhão – email: Ana.zandomeneghi@ufma.br

As a result, it presents a set of representations from the use and tensioning of the methods identified in the literature review.

KEYWORDS: *Ergodesign, Participatory ergodesign, Transgenders users, Participatory methods.*

Introdução

Produtos educativos para promoção da saúde de uso em hospitais e ambulatórios são amplamente utilizados para facilitar a representação e ilustração, no que tange a sexualidade humana, do autocuidado na prevenção de Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e uso de preservativos. Usuários do Sistema Único de Saúde recebem informativos como panfletos, guias, cartilhas que às vezes são oriundos da comunicação interna dos hospitais e sazonalmente de campanhas nacionais de prevenção, para auxiliar os usuários na compreensão da informação.

Tratando-se da sexualidade humana, desde 2008, em alguns estados, o SUS oferece atendimento ambulatorial (acompanhamento psicoterápico e hormonioterapia) e hospitalar (realização de cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório) (SUS, 2011), para usuários transgêneros que desejam realizar cirurgia de redesignação sexual. A sexualidade humana existe de forma complexa, em diversas expressões e possibilidades de estruturação. “A sexualidade é uma parte integrante da vida de cada indivíduo que contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico” (APF, não paginado, 2014). No que tange a sexualidade humana, compreende-se o seu aspecto plural, tendo ciência de que alguns indivíduos sentem não pertencer ao gênero identificado em seu nascimento, os transgêneros, que:

ao se deparar com sua inadequação identitária, em seu enfretamento diário com o espelho e suas afetividades, os transgêneros alicerçam sua construção enquanto sujeitos, através dos agenciamentos que estes estabelecem entre o processo de liberação, do eu, que passa necessariamente pelo (re) modelamento de seus corpos (FIGUEIREDO, 2016, p. 1).

A transexualidade é uma condição de incongruência existente na relação triádica entre indivíduos, órgão genital e gênero. Observa-se então, grande descontentamento por parte dos indivíduos que sentem não pertencer ao gênero que lhes fora atribuído ao nascimento, assim como a necessidade de redesignação sexual, aceitação social e legal ao gênero ao qual se identifica, Arribas (2008).

A intervenção entre órgão genital e identidade de gênero se dá por hormonioterapia e cirurgia de redesignação, que são oferecidas pelo SUS desde 2015. A escolha pela cirurgia de redesignação é parte importante no processo, tal decisão é algo diretamente influenciado pela imagem do corpo, em descontentamento, enfrentado por pessoas trans (Barros; Lemos; Ambiel, 2019). Em um artigo publicado em 2016, Leandro et al. (2016) relatam a partir de entrevistas que pessoas transgêneras estão frequentemente em conflito com sua estrutura corpórea.

No ambulatório de sexualidade, anexo do hospital universitário Materno Infantil, localizado em São Luís, Maranhão, segundo a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, ESBERH (2018) desde 2016, oferece serviço de hormonioterapia e acompanhamento multidisciplinar a usuários que buscam o processo de redesignação. Para iniciar os atendimentos, o hospital conta com a presença de: assistente social, psicóloga e sexóloga, junto com médicos residentes e estagiários, constituindo o grupo terapêutico, que se reúne mensalmente. Para atender a demanda dos encontros e tratar questões pertinentes a educação sexual, prevenção, bem como acompanhamento psicoterapêutico dos transgêneros, o grupo de profissionais dispõe de um álbum seriado, formado principalmente de ilustrações, que serve de mostruário durante as reuniões, com o intuito de perceber a expectativa dos usuários em relação as transformações corpóreas, bem como promover o autocuidado e prevenção de enfermidades.

Conforme levantado pelos usuários transgêneros, o material disponível não se adequa às suas necessidades de acordo com as estruturas físicas/corpóreas, não constituindo informação eficaz, uma vez que este recurso utilizado é oriundo do planejamento familiar, ou seja, possui ilustrações apenas de usuários cisgêneros, conforme figura 01:



Figura SEQ Figura * ARABIC 1 – Album seriado

Neste artigo é tratado a inadequação entre álbum seriado (conforme imagem acima) e a realidade trans no que tange as estruturas corpóreas que está ou dará início à transição, visto que o álbum seriado contempla a representação de um corpo heteronormativo, este trabalho discute uma proposta de design participativo apoiado por métodos que promovem a participação dos usuários transgêneros, representando seus corpos no intuito de compreender possíveis estruturações e desdobramentos para produzir ilustrações que possam representar a população trans.

Design participativo

O design participativo surge nos anos 70, na Escandinávia, em uma aliança entre sindicatos e designers na tentativa de estabelecer a democracia no ambiente laboral quando o uso de sistemas de computadores fora introduzido (EHN, 2017).

Envolver-se com o usuário é uma premissa do design participativo, no entanto existem autores que defendem a participação classificadas em etapas. No livro Design Participativo para o Ergodesign, Moraes e Santa Rosa (2012), levantam questões sobre as diferenças entre designers e usuários, aspectos cognitivos e culturais, e apontam que apesar de existir a participação, segmentada em níveis, usuários não são designers e designers não são usuários: “contudo, destaca-se que com o passar do tempo há uma tendência dos usuários envolvidos nas atividades no design, de mudarem sua forma de pensar e, por fim, apresentarem um modelo mental semelhante ao dos designers” (MORAES; SANTA ROSA, 2012, p. 23).

Nesse contexto, a reflexão deve ser posicionada sobre os níveis de inserção do usuário na prática de design para compreender as relações entre designers e usuários e entender que ambos exercem papéis fundamentais em um determinado processo, sem sobreposições. Patrocínio (2015), na tentativa de ilustrar em etapas, apresenta a escada virtuosa do design e do desenvolvimento, conforme figura 02:



Figura 2 – Escada virtuosa do design

Sobre a escada virtuosa (Figura 02), no participativo/Design Com as parcerias estão estabelecidas e solidificadas. Neste nível o designer introduz seus conhecimentos técnicos somados aos da comunidade (conhecimento tácito). Segundo Patrocínio (2015), no Design Com ainda existe a figura de um líder, capaz de gerenciar os processos a partir de seu conhecimento. É no Design Com que encontramos a oportunidade de interagir com o grupo terapêutico presente no ambulatório de sexualidades anexo do Hospital Universitário Materno Infantil (HU-UFMA).

Métodos e procedimentos

O grupo terapêutico é composto por 03 grupos de 20 integrantes. Durante o primeiro momento, no método de produção, participaram um total de 14 participantes. Vale ressaltar que a quantidade de participantes não fora limitada, possibilitando a participação em uma quantidade aleatória, e como defendem Moraes; Santa Rosa (2012), não existe uma quantidade definida, assim como uma faixa-etária (no entanto só participaram pessoas maior de 18 anos) para participar de um processo em design participativo, e em caso de projetos maiores, sugere-se trocar periodicamente o grupo de usuários: “a escolha dos usuários e a forma da participação precisa ser cuidadosamente considerada e negociada com membros relevantes da instituição, inclusive o gerenciamento e os próprios colaboradores” (MORAES; SANTA ROSA, 2012, p. 23).

Procedimentos: o método de produção

A escolha por esse método, apresentado por Formiga (2011), se deu pela objetividade em sua proposta. Se por sua vez, as ilustrações que compõem o álbum seriado não são adequadas a realidade dos transgêneros, propõe-se então produzir representações simbólicas feitas pelos próprios usuários, reforçando a necessidade de um processo participativo, permitindo a esse usuário a liberdade de representação do eu (pessoa trans), percebendo e representando a si mesmo. Participaram desta etapa, 14 pessoas transgêneras.

No método de produção foram produzidos em uma folha de papel, órgãos internos e externos do corpo transgênero (conforme as representações originais do álbum seriado cisgênero que ilustram órgãos internos e externos de pessoas cisgêneras), a partir da representação corporal que eles possuem de si mesmos. As fichas para o teste de produção foram elaboradas em papel A4, dividido em 04 quadrantes, cada quadrante designado para

representar órgãos internos e externos respectivamente, para que os integrantes pudessem desenhar livremente, com o auxílio de um lápis para desenho e borracha.

Procedimentos: método de reidentificação

Para esta etapa utilizou-se uma ferramenta proposta por Formiga (2011), o método de reidentificação, que é utilizado “para a formulação de repertórios de símbolos gráficos, a partir de seus usuários potenciais” (FORMIGA, 2011, p. 49). Foram apresentados para os usuários transgêneros o total de 56 desenhos produzidos na etapa anterior. Para isso, os desenhos passaram por um processo de digitalização.

Os desenhos foram digitalizados para o computador com auxílio de *scanner*, software de ilustração e mesa digitalizadora, para confeccionar uma série de adesivos (56 adesivos impressos em papel adesivo vinílico transparente) para serem colados em cartas, compondo estruturas corporais do corpo transgênero, impressas em papel couchê 180g. nas dimensões 10x10 centímetros. A execução desta etapa consiste na colagem dos adesivos em cartas designadas para formatar o corpo do homem transgênero e o corpo da mulher transgênera. Foram impressas 09 páginas em tamanho A4 (03 páginas de cada, as dimensões dos adesivos variam entre 02, 03 e 4,5 centímetros cada) de adesivos para que as representações simbólicas não ficassem limitadas a uma unidade de cada e mais proposições pudessem ser realizadas.

Nessa etapa a preparação de um *toolkit* (kit de ferramentas) com adesivos, canetas marcadores e cartas em branco é necessário para utilização no método de reidentificação: “uma parte importante das técnicas generativas são kits de ferramentas para a expressão” (SANDERS; STAPPERS, 2018, p. 70). Dessa forma obtivemos a reidentificação das representações simbólicas produzidas no método de produção, bem como a validação das representações produzidas pelos próprios usuários transgêneros.

Esse método fora utilizado para provocar nos transgêneros o sentimento de identificação com as ilustrações produzidas. Com a utilização deste método, podemos acionar memórias nos usuários no que tange a idealização do corpo de um transgênero. Se por um lado, a compreensão de uma imagem com eficiência de informação causa no usuário conforto, identificação e confiabilidade (Formiga, 2011), por outro lado no usuário transgênero, onde a satisfação pessoal está diretamente relacionada com o corporificar da imagem, reflete também em sua autoestima (Figueiredo, 2016).

Resultados

Resultados do método de produção

As representações simbólicas elencadas a seguir, foram retiradas das fichas do método de produção. Obteve-se o total de 56 desenhos, feitos à mão livre por pessoas transgêneras. Embora o objetivo do método fosse, originalmente, elencar órgãos internos e externos do corpo trans, alguns participantes representaram o corpo como um todo. Outros, empregaram palavras para complementar o que fora representado. A figura 03 a seguir, sintetiza as representações simbólicas:

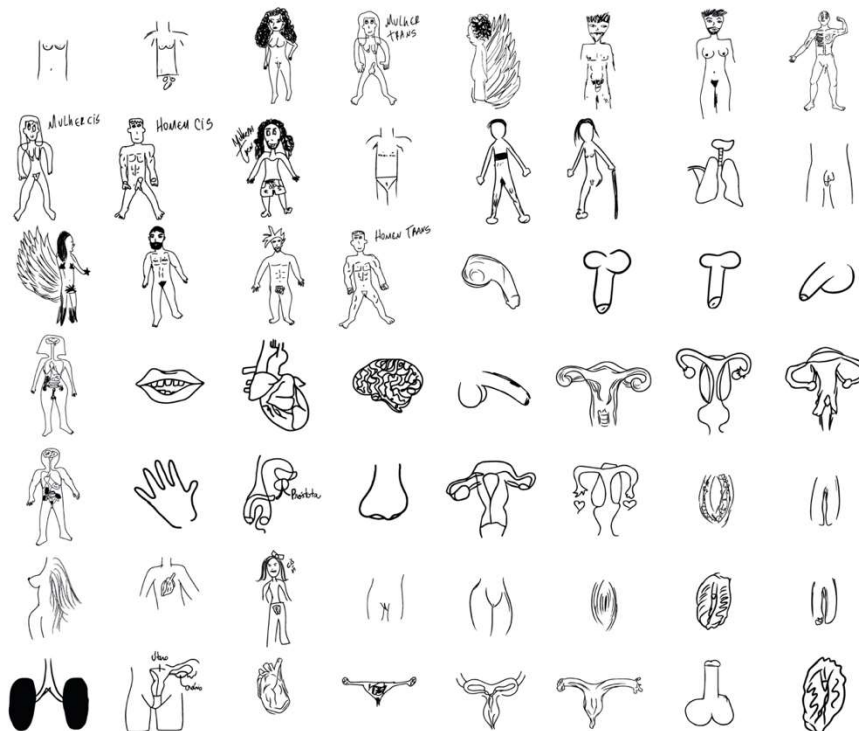


Figura 3 – Representações simbólicas

Alguns usuários, representaram partes do corpo que não estão diretamente ligadas com o que fora pedido (a saber dos órgãos genitais internos e externos), no entanto, tais representações não foram descartadas, pois, é possível inferir que estas auxiliam na formação de um repertório de símbolos.

Apresentamos a seguir os resultados do método de acordo com cada conceito elencado, comparando estes conceitos com sua representação. Podemos notar a diferença entre alguns conceitos em relação ao que fora pedido para representar. A seguir na figura 04, resultados do método de produção agrupados por conceitos:

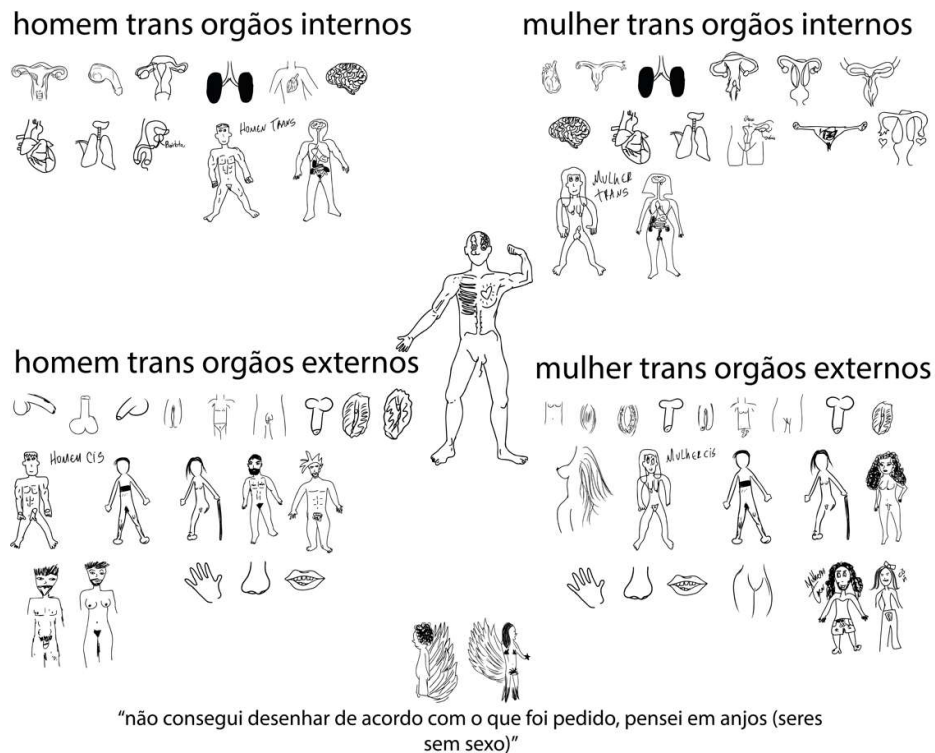


Figura 4 – Agrupamento por conceitos

Obtivemos o total de 11 representações para órgãos internos do homem transgênero. 14 representações para órgãos internos mulher transgênera. 19 representações para órgãos externos homem trans e 20 representações para mulher trans, órgãos externos.

Resultados do método de reidentificação

A aplicação do método de reidentificação ocorreu no espaço de uma semana com o total de 08 pessoas transgêneras. Foram convidadas 10 pessoas transgêneras para essa etapa, no entanto dois dos participantes, desistiram de sua participação por se encontrarem em isolamento (quarentena) uma vez que durante a semana de aplicação deste método, apresentarem sintomas

gripais relacionados ao Covid-19. Vale ressaltar que nenhum participante fora exposto, assim como os encontros foram realizados de forma individual, em respeito às medidas de segurança do distanciamento social.

No que tange o método de reidentificação, Formiga (2011) cita que o mesmo tem como finalidade testar a compreensibilidade de símbolos gráficos, avaliar a facilidade de memorização, o grau de pregnância de um elemento gráfico. Nesta pesquisa, esse método tem por objetivo reidentificar representações mentais produzidas anteriormente por pessoas transgêneras, como uma espécie de validação, através da provocação de usuários trans, no que tange a sua compreensão entre: corpo trans homem e mulher em relação ao que fora representado.

Para este método, participaram 08 pessoas trans, 04 mulheres e 04 homens trans. Foram disponibilizadas um total de 40 cartas (20 cartas para homem trans e 20 para mulher trans) os 56 adesivos (01 par de cada, totalizando 112) e canetas marcadores para utilizar livremente. Os usuários tinham total liberdade para fazer colocações e questionamentos. Durante as aplicações, as pessoas faziam pontuações mais pessoais, tecendo comentários como: “*eu acredito que seja assim*”, “*eu me identifico mais com esse*” – apontando para algumas representações em específico. A seguir, na figura 05, toolkit para aplicação do método de reidentificação:



Figura 5 – Aplicação do método de reidentificação - toolkit

Após a participação dos usuários transgêneros, obtivemos o total de 31 cartas, sendo 16 cartas que correspondem ao homem trans e 15 que correspondem à mulher trans. As cartas foram digitalizadas com o auxílio de um *scanner* e foram reunidas na figura 06 a seguir:



Figura 6 - Resultados do método de reidentificação

Após a aplicação deste método, podemos compreender, em análise do material, algumas possibilidades de estruturação do corpo trans, validadas por um grupo de pessoas que não fazem parte do grupo terapêutico do ambulatório de sexualidade anexo do hospital universitário Materno Infantil, nosso local de estudo de caso. Diante da liberdade de poder expressar com palavras ou com desenhos, características classificadas como importantes pelas pessoas trans que executaram o método, identificamos algumas palavras e termos como “não à passabilidade”, “todo corpo tem limites”, “respeite o seu corpo”, “as que nascem com pepeca, as que tem piupiu e as cirurgiadas. Todo corpo tem limites”.

Esses termos dão margem para pensarmos um pouco para além desta pesquisa, no que tange a divulgação e acesso à informação pela população no combate ao preconceito e transfobia, ao compreendermos que pessoas transgêneras são vítimas de preconceito, assédio moral, entre outros. No que se refere a passabilidade, conforme explicado por uma mulher transgênera participante do método de reidentificação, trata-se da mulher trans que possui fenótipo de mulher cis, ou o que mais se aproxima dele. Essa aceitação apenas das trans passáveis, conforme citou a mulher trans durante o método, precisa ser extinta, pois dessa forma, estaremos mais uma vez criando e reafirmando padrões, diante de diversas possibilidades. Dessa forma, podemos inferir que essa e outras interferências expressas nas cartas, é causada diretamente pelo uso do nosso método de reidentificação.

No intuito de elencar quais representações foram mais utilizadas, criamos as tabelas que são apresentadas a seguir, elencando símbolos, sua numeração e quantidade de vezes que fora utilizada. Essas tabelas nos possibilitam o desenvolvimento do álbum seriado e possíveis produtos, utilizando as representações como ilustrações. A seguir nas figuras 07 e 08, representações mais reidentificadas:

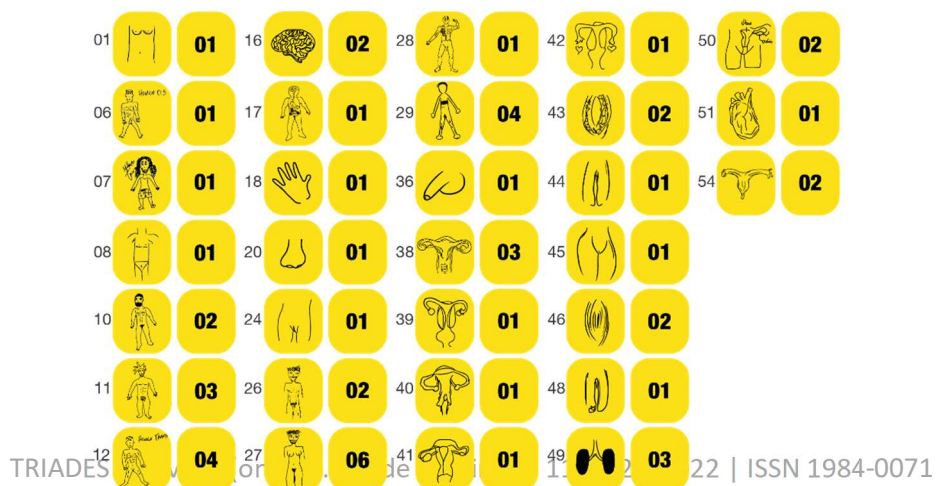


Figura 7 – Tabela de representações simbólicas do homem trans.

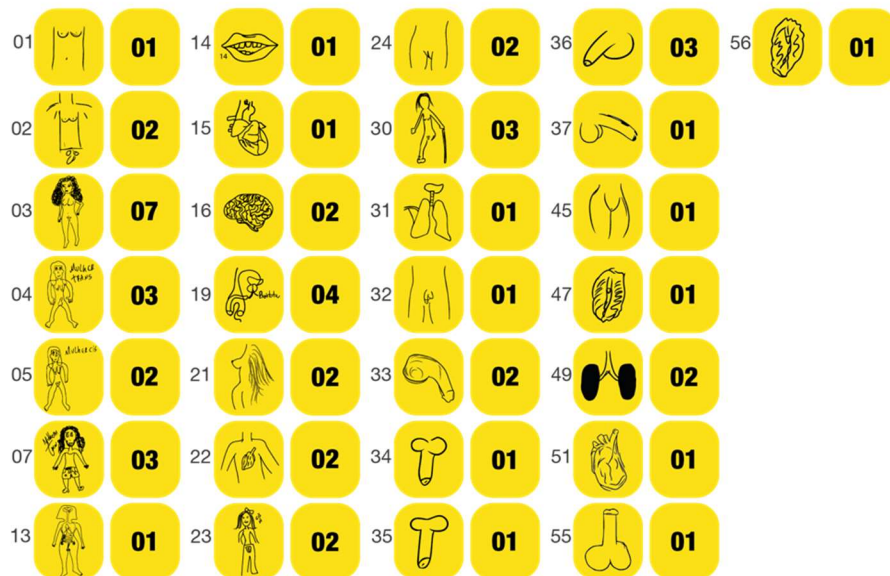


Figura 8 – Tabela de representações simbólicas da mulher trans.

Conclusões

É possível observar que a proposição para corpo de homem trans apresenta seios e vagina, e em contraste, apresenta pêlos no rosto que constituem uma barba bastante evidenciada. Existe uma dicotomia que se evidencia ao fazermos uma leitura nessa representação. Pode-se inferir também que a reidentificação (no sentido de reidentificar-se com as ilustrações) com essa representação se torna frequente pelo fator acessibilidade, uma vez que na capital ludovicense ainda não é disponibilizada a cirurgia de redesignação sexual (oferecida pelo SUS) e dessa forma, os homens trans iniciaram apenas a hormonioterapia, que implica no surgimento de pelos faciais (BRASIL, 2015). Entretanto, essa análise é apenas uma suposição diante de tantas outras possibilidades, que fogem do escopo desta pesquisa. Vale ressaltar que

este estudo abre portas para que outras investigações e pesquisas possam ser realizadas no intuito de fomentar a pesquisa em um campo que se configura fértil.

Ainda sobre o método de reidentificação com o corpo de homem transgênero, algumas cartas apresentam os dizeres: “não resignado”, “resignado”, “útero aposentado”, “vagina masculina”, “binder”, “identidade de sexo feminina ou intersexo”, “representação típica da estrutura anátomo-fisiológica de pessoas com identidade de sexo feminino (homem trans) ou intersexo”.

Entendemos o termo resignado como redesignado, no que se refere às pessoas transgêneras que já fizeram a cirurgia de redesignação. Quanto ao vocábulo binder, refere-se a uma faixa em tecido que tem por função prender o tecido mamário para ficar com aparência de um peito liso, sem volume.

É possível inferir sobre a representação do corpo trans feminino no que tange a presença do pênis e seios protuberantes. Em meio às 29 representações elencadas no método de reidentificação correspondente ao corpo da mulher trans, 09 vezes a figura do pênis fora elencada pelos participantes desta etapa. Isso pode indicar a realidade, conforme mencionado anteriormente, da comunidade transgênera em São Luís, Maranhão, uma vez que a população ainda não teve acesso à cirurgia de redesignação.

Nas cartas que são correspondentes ao corpo da mulher trans, identificamos os seguintes dizeres: “pênis feminino”, “identidade de sexo masculino ou intersexo”, “travesti”, “representação típica da estrutura anátomo-fisiológica de pessoas com identidade de sexo masculina (mulheres trans, travestis) ou intersexo”, “não resignada”, “resignada”, “pênis feminino”, “próstata feminina”.

Os métodos propostos por Formiga (2011), servem para atender a demanda configurada a partir desta pesquisa. Servem também para refletirmos sobre a percepção do trans em relação ao corpo. Corpo este que não é padrão, que não pode ser determinado como um modelo a ser seguido, levando-nos a perceber a fluidez desse corpo no imaginário das pessoas transgêneras. O que fora produzido aqui, serve de requisito para outras propostas.

Observa-se que não se configura um padrão ou uma frequência de representações adequadas de acordo com cada quadrante. Os órgãos internos do homem transgênero, por exemplo, podem ser: um útero, uma próstata, cérebro, coração, entre outros. Observa-se que a representação mental do corpo trans não é estático, ou obedece a um padrão, esse corpo é fluido e existem infinitas possibilidades de configuração.

Referências Bibliográficas

- ARRIBAS, Francisco Javier Rubio. **?El tercero género?: La transexualidad**. 2008. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/NOMA0808120047A/26409>>. Acesso em: 18 junho, 2019.
- ASSOCIASSÃO PARA O PLANEJAMENTO DA FAMÍLIA. **Sexualidade**. 12 julho 2014. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade>>. Acesso em: 29 agosto 2018.
- BARROS, Leonardo de Oliveira; LEMOS, Carolina Rodrigues Bueno; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. **Qualidade de vida e satisfação com a imagem corporal de transexuais**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 agosto, 2019.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Transexualidade e Travestilidade na saúde**. 2015, Brasília. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf. Acesso em: 05 de Novembro de 2020.
- EHN, Pelle. **Learning in participatory design as I found it (1970-2015)**. In: Participatory Design For Learning: Perspectives from practice and research. Taylor & Francis, 2015.
- EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. **Ambulatório de sexualidade atende pessoas em transição de gênero**. Disponível em: <http://www.ebserh.gov.br/web/hu-ufma/noticia-destaque/-/asset_publisher/mUhpqXBVQ6gZ/content/id/2815177/2018-02-ambulatorio-de-sexualidade-atende-pessoas-em-transicao-de-genero>. Acesso em: 29 Agosto 2018.
- FIGUEIREDO, Adrianna. **Você Já Ouviu Falar na Dor da Beleza? Experiências, Corpo e Afetividades na Identidade de Gênero**. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adrianna_Figueiredo_16.pdf>. Acesso em: 27 de maio 2018.
- FORMIGA, Eliana. **Símbolos Gráficos: Métodos de Avaliação de Compreensão**. São Paulo: Blucher, 2011.
- LEANDRO, José Ferreira; SILVA, Livia de Oliveira; SANTOS, Alana Carla Berto; BRITO, Rebecca de Oliveira; ABREU, Swan Rocha Siqueira Tavares; ROCHA, João Vitor Calixto. **Direitos humanos e sexualidade: transgêneros no município de Arapiraca – Alagoas**. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/357>. Acesso em: 25 outubro 2019.

MORAES, Ana Maria; SANTA ROSA, José Maria. **Design participativo, técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces**. Rio de Janeiro, Rio Books. 2012.

PATROCÍNIO, Gabriel. **Design e os países em desenvolvimento: a dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento**. In: Design e desenvolvimento: 40 anos depois. São Paulo, Blucher. 2015.

SANDERS, Elizabeth B. -N; STAPPERS, Pieter Jan. **Convivial Toolbox**. 4. Ed. Amsterdam, Bis. 2018.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. **Cartilha equidade**. 01 Dezembro 2011. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>>. Acesso em: 29 Agosto 2018.